

## A CONTRIBUIÇÃO DE E. P. THOMPSON PARA OS ESTUDOS HISTÓRICOS

*THE CONTRIBUTION OF E. P. THOMPSON TO THE HISTORICAL STUDIES*

Júlio Cesar Meira\*

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo refletir sobre o historiador inglês Edward Palmer Thompson, expoente do grupo de intelectuais britânicos da New Left, dissidentes do Partido Comunista Britânico a partir de 1956, fundadores da chamada História Social. Com o fim de entender sua importância para os estudos históricos da segunda metade do século XX, analisaremos brevemente três de suas proposições, quais sejam os conceitos de classe social, experiência e cultura, presentes, principalmente, em duas de suas principais obras, *A Formação da Classe Operária Inglesa* e *Costumes em Comum*.

**PALAVRAS-CHAVES:** Thompson. História Social. Historiografia.

**ABSTRACT:** This article aims to reflect on the English historian Edward Palmer Thompson, leader of the group of British New Left intellectuals, dissidents of the British Communist Party from 1956, founders call Social History. In order to understand its importance in historical studies of the second half twentieth century, we will briefly three of his propositions, which are the concepts of social class, experience and culture, present in two of his major works, *The Making of the English Working Class* and *Customs in Common*.

**KEYWORDS:** Thompson. Social History. Historiography.

### *Introdução*

Um dos principais historiadores da segunda metade do século XX foi o inglês Edward Palmer Thompson, ou simplesmente E. P. Thompson (1924-1993). De origem simples (seu pai era pastor da Igreja Metodista), foi combatente durante a Segunda Guerra Mundial, com o posto de sargento num regimento de tanques britânicos durante

---

\* Doutorando em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Professor efetivo de História da Universidade Estadual de Goiás – UEG, Câmpus Morrinhos, GO. Artigo enviado em 07/02/2014 e aceito para publicação em: 12/10/2014. E-mail: [juliohistoriador@gmail.com](mailto:juliohistoriador@gmail.com)

a campanha da Itália. De volta à Inglaterra, estudou no prestigiado colégio *Corpus Christi (Cambridge)* onde aderiu ao Partido Comunista da Grã-Bretanha (PCGB). Em 1946 participou da formação de um grupo de estudos históricos marxistas, ao lado de historiadores do porte de Christopher Hill, Eric Hobsbawm, Perry Anderson, Rodney Hilton, Dona Torr, dentre outros. De acordo com Fontana, a importância desses historiadores pode ser aferida em suas contribuições para

(...) publicações comunistas de alto nível intelectual e grande independência, como a revista *Marxism today* e a coleção de folhetos *Our history*, participando em defesa das posições progressistas nos grandes debates historiográficos da época (...). (FONTANA, 2004, p. 327)

Em 1952 fundaram uma das principais publicações marxistas do século XX, a revista *Past and Present*, destinada a divulgar suas ideias para um público mais amplo. As ideias progressistas e a filiação ao Partido Comunista de E. P. Thompson e de seus companheiros não os favoreceram profissionalmente. Poucos deles, como Hobsbawm, conseguiram fazer carreira acadêmica, mesmo após o rompimento formal do grupo com o PCGB em 1956. Esse rompimento, na verdade fruto de uma longa reflexão e debate, aconteceu por conta da divulgação das atrocidades cometidas por Stálin durante os cerca de 30 anos no poder na União Soviética, feita por Nikita Krushev, novo homem forte da URSS, interessado em se fortalecer no poder esmaecendo a aura em torno de Stálin, e pela invasão da Hungria realizada pelas tropas soviéticas.

Fontana observa que, apesar do rompimento formal com o Partido Comunista, “(...) diferentemente do que ocorria em outros países, nenhum deles desertou do campo da política progressista” (FONTANA, 2004, p. 331). Com alguns de seus companheiros, como Perry Anderson, Eric Hobsbawm, Raphael Samuel, Thompson fundou a revista *New Left Review*, que serviu como instrumento divulgador das ideias do grupo, pelo menos até 1962, quando a direção editorial da revista foi encampada pelo grupo de Perry Anderson, que já vinha assumindo uma posição diferente dos seus companheiros, merecendo de Thompson a publicação em 1965 de um texto crítico, hoje clássico, “As Peculiaridades dos Ingleses”<sup>86</sup>, em que ele reafirma seus pontos de vista e expõe as incoerências (em sua visão) do novo grupo a comandar a New Left.

---

<sup>86</sup> No Brasil, incluído na coletânea: NEGRO, Antônio Luigi. e SILVA, Sérgio. (orgs.). *As Peculiaridades dos Ingleses e outros artigos*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2001.

Thompson foi, por excelência, um pesquisador da cultura popular, publicando livros sobre seu objeto de pesquisa, de uma qualidade tal que levou John Brewer a afirmar que “muitos dos que o atacam dariam um braço para ter escrito um livro como os seus” (FONTANA, 2004, p. 336). Sua vida profissional foi assimétrica, tendo se dedicado de maneira mais prolongada à alfabetização de adultos, em razão do que escreveu sua maior obra, “A Formação da Classe Operária Inglesa”, em três volumes, onde muitas de suas ideias já se encontravam em fase bastante amadurecida.

De acordo com seus biógrafos, comentaristas e críticos – que foram muitos, de acordo com Fontana (2004, p. 327) – Thompson lecionou ainda, de maneira esporádica ou descontinuada, em universidades como a Universidade de Leeds, em cursos não acadêmicos dirigidos aos trabalhadores. Foi professor da Universidade de Warwick de 1965 a 1971. Nos anos 1970 lecionou esporadicamente em universidades americanas.<sup>87</sup>

Durante boa parte de sua vida foi um militante. Inicialmente no Partido Comunista britânico; durante e após isso, nos movimentos operários. A partir de meados da década de 1970 tornou-se um dos mais empenhados – e influentes – membros dos grupos que lutavam pela não proliferação das armas nucleares, como pacifista que era.

Suas obras foram sempre fruto de sua atuação política ou militância nos grupos dos quais participou. Dentre elas destacamos a já citada “A Formação da Classe Operária Inglesa” (3 volumes); “Senhores e Caçadores”, “A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros”, uma crítica ao pensamento de Althusser, já esgotada (evocando a famosa contenda entre Marx e Proudhon) e “Costumes em Comum, sua obra de retorno, após anos de militância pacifista. Pouco antes de sua morte publicou “*Witness against the beast: William Blake and the moral law*”. Além dos textos sobre história, publicou muitos artigos sobre o pacifismo e crítica literária, principalmente sobre William Morris e William Blake, os quais se tornaram personagens de uma obra póstuma, publicada por sua esposa a partir de alguns de seus escritos e conferências, intitulada “Os Românticos”.

### *Principais Ideias*

---

<sup>87</sup> Para mais informações acerca de sua trajetória pessoal e profissional, ver a “apresentação do autor” da obra THOMPSON, 1998.

A contribuição de Thompson para a historiografia mundial é imensa, principalmente por sua insistência pelo rigor na pesquisa empírica, e a utilização de uma teoria que seja resultado daquela. Tal afirmação nos dias de hoje parece uma obviedade, mas não quando lembramos do momento histórico da produção das principais obras de Thompson e de sua filiação teórica. Mesmo após 1956 era grande a resistência em perceber o materialismo histórico dialético como uma teoria da história construída a partir do estudo da realidade social e não como uma sociologia abstrata, um conjunto metodológico destinado a ser aplicado a qualquer situação. Antonio Gramsci, outro famoso intelectual de matriz marxiana, já havia se insurgido contra a ortodoxia, principalmente ao “refutar o economicismo elementar, confundido geralmente com o marxismo ortodoxo” (FONTANA, 2004, pp. 322/323) e ao rejeitar a dicotomia entre estrutura e superestrutura, em sua famosa reflexão sobre a categoria de hegemonia<sup>88</sup>. Sua contribuição se tornou relevante na medida em que firmou posição contrária a uma leitura canônica de Marx, por acreditar que

A realidade é rica nas combinações mais estranhas e é o teórico que está obrigado a buscar a prova decisiva de sua teoria nesta mesma estranheza, a traduzir, para a linguagem teórica, os elementos da vida histórica e não o contrário, que seja a realidade que deva apresentar-se segundo o esquema abstrato. (GRAMSCI, 1977, p. 1051, *apud* FONTANA, 2004, p. 323)

Fontana concorda com a formulação de Gramsci, e a esse respeito acrescentou à afirmação do intelectual italiano que “O pesquisador da história não vai da teoria à realidade, à busca de espécimes puros que correspondam àquilo que se previu anteriormente” (FONTANA, 2004, p. 323).

Norbert Elias, sociólogo alemão contemporâneo de Gramsci, no prefácio à primeira edição de sua imprescindível obra, “O Processo Civilizador”, já manifestara-se contrário à ideia de buscar na realidade os elementos comprobatórios de uma teoria construída anteriormente, comum entre seus pares. Em suas palavras, “Não foi minha intenção construir no ar uma teoria geral da civilização e, em seguida, descobrir se ela concordava com a experiência” (ELIAS, 1994, p. 18). Não queremos, com isso, estabelecer qualquer relação ideológica ou de anterioridade entre Norbert Elias e

---

<sup>88</sup> Não há, realmente, uma construção conceitual gramsciana sobre hegemonia, mas uma interpretação a partir do conceito construído por Lênin (ver LIGUORI, 2007, pp. 207-225). Gramsci alude à hegemonia ao refletir sobre a luta travada entre a sociedade civil e a sociedade política pelos aparatos do Estado. Essa luta se dá pelo controle dos meios de produção (economia) e os aparelhos privados de hegemonia. Sobre esse tema, ver: GRAMSCI, 1978, pp. 24-225.

Thompson. A alusão à Norbert Elias é puramente de comparação no campo metodológico, a forma como ambos, separados no tempo e em suas convicções, entendiam a relação entre a teoria e a realidade social, a experiência, conceito que será tão caro a Thompson. Obviamente que Elias está se posicionando a respeito de suas pesquisas em um campo teórico distante do materialismo histórico.

Da mesma forma, Ricardo Müller, autor de uma tese de doutorado (MÜLLER, 2002) sobre a contribuição de Thompson para história, assim se expressou, ao se referir à visão de Thompson a respeito da relação teoria e prática, no trabalho do historiador.

Sua interpretação do materialismo histórico se distingue por articular, de forma construtiva, aspirações políticas e processo histórico. O pré-requisito dessa abordagem é o de que toda análise teórica deve ser apreendida na prática do “agir humano” e na medida do diálogo entre teoria e evidência (prova), i. e., teoria e pesquisa empírica, sem abandonar a atuação política. (MÜLLER, 2008, p. 04)

Analisando a importância de Thompson para a pesquisa em educação, Moraes e Müller (2003) evidenciaram o compromisso social do historiador com a busca do sujeito na história, o verdadeiro ator social. Essa busca foi responsável por definir sua construção metodológica, que nem sempre é fácil ou direta; pelo contrário, pode ser extremamente contraditória e tortuosa, pois assim são os sujeitos que fazem a história. Desse ponto de vista, Moraes e Müller entendem que, para Thompson,

Todos os elementos da pesquisa devem ser decodificados pela teoria apropriada e sujeitos às propriedades determinadas da evidência. Em suas palavras: “Na medida em que uma tese (o conceito ou hipótese) é posta em relação com suas antíteses (determinação objetiva não-teórica) e disso resulta uma síntese (conhecimento histórico)”, a decorrência é a “dialética do conhecimento histórico”. Uma hipótese testada pelas evidências, e não tendo sido negada por nenhuma contraprova, emerge como conhecimento verdadeiro. Para Thompson, o diálogo entre hipótese e evidência é a base da pesquisa histórica. (DE MORAES & MÜLLER, 2003, p. 336)

Em artigo publicado em 1995 o historiador José Carlos Barreiro analisou a produção intelectual de Thompson e as possíveis contribuições para a historiografia no Brasil. Segundo ele, não é possível desvincular sua produção (e formação) das questões inerentes de seu tempo, não numa perspectiva determinista, mas porque “não se chega a uma reflexão fecunda a não ser libertando-se de uma história desencarnada que institui um universo de abstrações sem limites para o próprio pensamento” (BARREIRO, 1995, p. 57). De acordo com Barreiro, a historiografia brasileira ganharia muito se utilizasse a

abordagem de Thompson para revisitar os clássicos sobre a História do Brasil. Mas em que consistiria essa abordagem? Barreiro assim as descreve:

(...) Thompson, enquanto historiador marxista, procedeu a inúmeros avanços em relação ao tratamento dado à questão da teoria e dos conceitos no materialismo histórico. Tais questões vão no sentido de que a teoria, na sua relação com as evidências empíricas, envolve uma exploração aberta do mundo que supõe a recusa da decretação de certezas prévias em relação ao fazer social-histórico. Neste sentido, Thompson rompe, sob muitos aspectos, com o determinismo das análises fundadas no materialismo histórico, substancialmente presente em autores marxistas à época em que produziu seus trabalhos mais vigorosos. Thompson. Portanto, tornou o marxismo mais criativo enquanto teoria e conceitos operacionalizáveis. (BARREIRO, 1995, p. 59)

A importância dada por Thompson à práxis, à ação humana, ao desenrolar dos acontecimentos a partir da vivência e experiência dos sujeitos históricos pode ser apreendida a partir de sua explicação sobre as escolhas feitas ao escrever “A Formação da Classe Operária”.

Estou tentando resgatar o pobre tecelão de malhas, o meeiro luddita, o tecelão do “obsoleto” tear manual, o artesão “utópico” e mesmo o iludido seguidor de Joanna Southcott, dos imensos ares superiores da condescendência da posteridade. Seus ofícios e tradições podiam estar desaparecendo. Sua hostilidade frente ao novo industrialismo podia ser retrógrada. Suas conspirações insurrecionais podiam ser temerárias. Mas eles viveram nesses tempos de aguda perturbação social, e nós não. Suas aspirações eram válidas nos termos de sua própria experiência; se fossem vítimas acidentais da história, continuam a ser, condenados em vida, vítimas acidentais. (THOMPSON, 1987, p. 13)

A partir dessas considerações, e tendo em vista as inúmeras contribuições de E. P. Thompson para a produção historiográfica e para o debate acadêmico nos últimos cinquenta anos, vamos analisar a seguir, de maneira bastante sucinta, três dos principais conceitos formulados pelo autor, os conceitos de classe social, experiência e cultura, buscando entender a razão de continuarem atuais vinte anos após a morte do historiador inglês.

### *Os Conceitos de Classe Social e Experiência*

Sendo um historiador de origem fundamentada no materialismo histórico, parcialmente originário do materialismo histórico-dialético de Marx e Engels, Thompson defendia o uso de categorias, modelos ou conceitos de outras áreas do saber,

como a Antropologia ou as Ciências Sociais. Segundo ele, “categorias ou ‘modelos’ derivados de um contexto precisam ser testados, refinados e, talvez, redefinidos no curso da investigação histórica” (THOMPSON, 1977, *apud* NEGRO & SILVA, 2001, p. 229). Da mesma forma, não se furtava em refletir e, quando necessário, modificar alguns conceitos do “cânone” do materialismo histórico, quando o confronto entre a pesquisa e a teoria assim o exigissem. Talvez não exista exemplo mais apropriado para essa reflexão heterodoxa do que suas formulações quanto ao conceito de Classe Social.

Na introdução do Manifesto do Partido Comunista, Marx e Engels escreveram a frase que é considerada até hoje como dogma pelos marxistas, devotos e nem tanto: “A história de todas as sociedades que existiram até hoje é a história da luta de classes” (MARX & ENGELS, 1986, p. 45). O texto buscava explicar como a história das sociedades europeias ocidentais, no contexto da industrialização, acabara produzindo uma polarização entre os detentores do capital – a classe burguesa – e os detentores da força de trabalho – os proletários. Só havia possibilidade de pertencer a essas duas classes, de certa forma evocando a construção imaginária da sociedade estamental medieval.

Na introdução do primeiro volume da obra “A Formação da Classe Operária Inglesa”, Thompson posiciona-se de maneira diferente de Marx e Engels a respeito do conceito de Classe Social. Para ele, o principal critério para se definir a participação em uma classe social e, porque não, para se despertar a própria ‘consciência de classe’, era a experiência. Afirma ele:

Não vejo a classe como estrutura, nem mesmo como uma categoria, mas como algo que ocorre efetivamente e cuja ocorrência pode ser demonstrada nas relações humanas (...) a noção de classe traz consigo a noção de relação histórica (...). A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses diferem (e geralmente se opõem dos seus). (THOMPSON, 1987, pp. 09/10)

Analisando a construção teórica de Thompson a respeito da classe social e o distanciamento da matriz materialista histórica, Eleonora Felix da Silva (2008) assim se expressou a respeito da afirmação acima:

Nestas célebres palavras, Thompson considera que a formação da classe operária inglesa como processo ativo que se deve tanto a ação humana como aos condicionamentos sociais – ela formou-se a si própria. A classe é



constituída por homens e mulheres em suas ações e relações sociais. Como relação histórica, uma classe relaciona-se com outra. A classe se define pela sua história e como formação social e cultural, que só adquire existência ao longo de um processo histórico que envolve as experiências dos trabalhadores. (DA SILVA, 2008, p. 02)

Em face da produção discursiva a respeito do tema do trabalho e dos trabalhadores, Antônio de Almeida (2001) buscou compreender, principalmente, como os conceitos são apropriados a propósito de interpretações diversas. Sua análise vai ao encontro da tese thompsoniana, ao afirmar que

O mais significativo, portanto, é lidar com o conjunto dos trabalhadores, entendidos como pessoas que sobrevivem ao seu próprio esforço e que, no confronto entre capital e trabalho, num contexto mais amplo do processo de proletarianização, identificam-se enquanto sujeitos coletivos com valores e interesses comuns, ao mesmo tempo em que se situam num campo oposto ao daqueles que beneficiam com as práticas de acumulação. (ALMEIDA, 2001, p. 35)

Na mesma linha de raciocínio, mas avançando um pouco mais, Eleonora da Silva (2008) acrescenta que o processo de identificação da classe não pode ser creditado apenas aos aspectos econômicos, à velha luta entre capital e trabalho, entre expropriador e expropriado, “(...) mas envolve também as experiências cotidianas culturais, as idéias, as tradições e os valores das pessoas. O fazer-se dos sujeitos na classe se dá a partir das experiências delas” (DA SILVA, 2008, p. 02).

É claro que as experiências cotidianas dos sujeitos acabam por retomar o componente econômico, na medida em que, como conceitos históricos, a classe está ligada à luta de classes, e esta é, por definição, baseada no aspecto econômico das relações sociais. De outro modo, as relações sociais e culturais, na luta de classes, são experiências derivadas das relações econômicas de produção e/ou dominação. Essa formulação não é simples, mas é a defendida por Thompson ao se referir à classe social em seu sentido heurístico. Entre os dois conceitos, o de classe e o da luta de classes, Thompson aponta a primazia da luta de classes:

A meu juízo, foi dada excessiva atenção, frequentemente de maneira anti-histórica, à “classe”, e muito pouco, ao contrário, à “luta de classes”. Na verdade, na medida em que é mais universal, luta de classes me parece ser o conceito prioritário. Talvez diga isso porque a luta de classes é evidentemente um conceito histórico, pois implica um processo, e, portanto, seja o filósofo, o sociólogo ou o criador de teorias, todos têm dificuldade em utilizá-lo. Para dizê-lo com todas as letras: as classes não existem como entidades separadas que olham ao redor, acham um inimigo de classe e partem para a batalha. Ao



contrário, para mim, as pessoas se vêem numa sociedade estruturada de um certo modo (por meio de relações de produção fundamentalmente), suportam a exploração (ou buscam manter poder sobre os explorados), identificam os nós dos interesses antagônicos, debatem-se em torno desses mesmos nós e, no curso de tal processo de luta, descobrem a si mesmas como uma classe, vindo, pois, a fazer a descoberta de sua consciência de classe. (THOMPSON, 1977, *apud* NEGRO & SILVA, 2001, p. 274)

Temos, portanto, a ponte entre os conceitos de Classe Social e de Experiência, fundamentais na obra de Thompson. A experiência, ausente como conceito da ortodoxia marxista, é o terreno comum em que os trabalhadores se reconhecem enquanto classe, mas, acima de tudo, os define como sujeitos de sua própria história, não sendo, portanto, definidos apenas pela posição econômica que ocupam em uma estrutura predeterminada e coerciva, por mais basilar que sejam as relações de produção na história da luta de classes. Além disso, o autor fez uma distinção fundamental entre consciência de classe e experiência de classe, ao afirmar:

A experiência de classe é determinada em grande medida, pelas relações de produção em que nasceram – ou entraram involuntariamente. A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais encarnadas em tradições, sistemas de valores, idéias e formas institucionais. Se a experiência aparece como determinada, o mesmo não ocorre com a consciência de classe. (THOMPSON, 1987, p. 10)

A diferenciação entre experiência e consciência de classe é fundamental para Thompson por dois motivos. O primeiro deles é que, levando-se em conta as experiências dos trabalhadores e os locais, ou os terrenos comuns em que essas experiências são desenvolvidas e compartilhadas, Thompson concebeu um tipo de trabalhador autônomo, consciente de si mesmo, não necessitando, portanto, de um guia para levá-los a adquirir a consciência de si.

Essa visão representava uma crítica a toda a tradição do marxismo ortodoxo do século XX, derivada da experiência soviética e tendo em Gramsci seu principal expoente, que via no líder ou no partido o único caminho possível para a emancipação social e política, o que, de alguma maneira, refletia a própria trajetória de Thompson e seus companheiros.

As diferenças entre Thompson e Gramsci, para além da temporalidade e características individuais diferentes, podem ser entendidas pelas próprias experiências vivenciadas na relação com o partido. Gramsci escreveu como militante, empenhado em fortalecer o Partido Comunista Italiano frente à ameaça fascista da qual ele mesmo foi

vítima. As elaborações e reflexões teóricas principais de Thompson foram concebidas após o rompimento com o Partido Comunista Britânico, mesmo ele permanecendo, em sua maioria, fiel aos princípios norteadores do partido.

Desse ponto de vista, mesmo sendo um crítico de pontos importantes da ortodoxia do materialismo histórico dialético, Antonio Gramsci não se afastou da visão de Marx de um partido a unir e representar os interesses dos proletários rumo à revolução. Gramsci pensava em termos de partido, de um todo coletivo. Não há em sua obra uma alusão à experiência como elemento importante para o despertar da consciência de classe, na perspectiva thompsoniana, mas apenas como uma constatação inerente ao senso comum. Ao se referir às iniciativas individuais de indivíduos ou grupos, Gramsci descreveu-as como “elementos de espontaneidade”, mas que convergiam para o fortalecimento da unidade do partido, desde que instrumentalizada adequadamente. De acordo com ele,

Este elemento de “espontaneidade” não foi descuidado e muito menos desprezado; foi *educado*, foi orientado, foi purificado de tudo o que de estranho o podia macular, para o tornar homogêneo, mas de uma forma viva, historicamente eficiente, com a teoria moderna. (GRAMSCI, 1978, p. 271)

A educação do elemento consciente, descrita pelo pensador italiano, se dá a partir do que ele denominou de direção consciente, ou seja, do aprendizado ideológico “sistemático por parte de um grupo dirigente já consciente” (GRAMSCI, 1978, p. 271), habilitando-o para a ação política. Essa ação política tinha, em seu entendimento, um fim, qual seja a militância no partido comunista. Escrevendo no calor dos acontecimentos subsequentes à III Internacional, Gramsci conclamou os vários grupos comunistas a se unirem, a se organizarem, a compor o partido que lhes dará a redenção:

Os comunistas que na luta dos metalúrgicos, com a sua energia e o seu espírito de iniciativa, salvaram a classe operária de um desastre, devem chegar até às últimas conclusões da sua atitude e da sua ação: salvar a estrutura primordial (reconstruindo-a) do Partido da classe operária, dar ao proletariado italiano o Partido comunista que seja capaz de organizar o Estado operário e as condições para o advento da sociedade comunista. (GRAMSCI, 1978, p. 267)

Thompson não se aventurou a perceber a experiência e a consciência de classe derivada dela como um meio para se chegar a alguma coisa, como a formação institucional partidária. Aparentemente o próprio despertar da consciência de classe

seria o resultado da experiência, e não num sentido epifânico, o que nos leva ao segundo ponto.

O segundo motivo da diferenciação entre experiência e consciência de classe diz respeito à forma como Thompson compreendia a própria consciência de classe e porque a noção de experiência na produção de tal conceito é tão importante. Consciência de classe para ele não era apenas o reconhecimento das condições materiais e da dominação socioeconômica resultante disso; significava também a compreensão do conjunto de valores, ideias, tradições, manifestações culturais e religiosas de cada grupo humano, que os diferenciava e, ao mesmo tempo, aproximava os seus membros. Em nosso entendimento, a sua definição de consciência de classe corresponde, fundamentalmente, à própria definição das possibilidades de representações sociais dos sujeitos, das identidades, como seriam chamadas atualmente. O próprio Thompson demonstra isso ao confessar que, relacionando a experiência com o surgimento da consciência de classe, foi levado a

(...) reexaminar todos esses sistemas densos, complexos e elaborados pelos quais a vida familiar e social é estruturada e a consciência social encontra realização e expressão (...): parentesco, costumes, regras visíveis e invisíveis da regulação social, hegemonia e deferência, formas simbólicas de dominação e de resistência, fé religiosa e impulsos milenaristas, maneiras, leis, instituições e ideologias – tudo o que, em sua totalidade, compreende a ‘genética’ de todo o processo histórico, sistemas que se reúnem todos, num certo ponto, na experiência humana comum, que exerce ela própria (como experiência de classe peculiares) sua pressão sobre o conjunto. (THOMPSON, 1981, p. 189)

A relação da experiência com a consciência de classe, resultaria na identificação ou formação de uma classe social. É dessa forma que Thompson pôde afirmar que não via a “(...) classe como uma estrutura, nem mesmo como uma categoria, mas como algo que ocorre efetivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humanas” (THOMPSON, 1987, p. 09). Assim é que a classe se transforma num fenômeno histórico, pois “A classe é definida pelos homens enquanto vivem sua própria história e, ao final, esta é sua única definição” (THOMPSON, 1987, p. 12). Do terreno comum das experiências compartilhadas, da consciência de classe e da própria constituição da classe social,

Os homens e as mulheres retornam como sujeitos, dentro deste termo [experiência] – não como sujeitos autônomos, ‘indivíduos livres’, mas como

peças que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses como antagonismos, e em seguida ‘tratam’ essa experiência em sua consciência e sua cultura (...) das mais complexas maneiras (sim, ‘relativamente autônomas’) e em seguida (muitas vezes mas nem sempre, através das estruturas de classe resultantes) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada. (THOMPSON, 1981, p. 182)

### *O Conceito de Cultura*

Não se pode creditar apenas a Thompson e seu grupo a criação de uma conceituação revolucionária de cultura como sinônimo de modos de vida, mas sem dúvida nenhuma, foi graças a ele e seus companheiros da História Social que essa ideia de cultura se propagou, a ponto de, para muitos analistas, ser considerado precursor dos estudos culturais, ou, pelo menos, de uma variante da História Cultural.

Em artigo publicado no ano de 2003, os autores Moraes e Müller, num levantamento das diversas análises da obra de Thompson, citaram, pelo menos, quatro publicações, de autores diferentes, que o identificam como ligado aos chamados estudos culturais (DE MORAES & MÜLLER, 2003, p. 338). O próprio Müller, em sua tese de doutorado sobre a obra de Thompson, ao listar vários grupos e movimentos que reivindicam a influência de Thompson, entre eles descreveu o Centre for Contemporary Cultural Studies, da Universidade de Birmingham (MÜLLER, 2002, p. 15), o que encontra eco no Brasil na obra de uma importante estudiosa dos estudos culturais, Maria Elisa Cevalco, que claramente situa sua influência, dentre outras, nas obras de Raymond Williams e E. P. Thompson. (CEVASCO, 2001 e 2003).

Sobre essa filiação, o próprio Thompson afirmou: “Rejeito, incondicionalmente, o título de ‘culturalismo’ dado à tradição historiográfica marxista da qual sou considerado representante. (SAMUEL, 1981, p. 392, *apud* DE MORAES & MÜLLER, 2003, p. 338). Precursor ou não da História Cultural, o fato é que, da mesma forma com que se tornou referência na ressignificação dos conceitos de classe social e experiência, Thompson avançou na interpretação marxista ortodoxa do conceito de cultura, de acordo com Barreiro, “graças ao seu diálogo com a Antropologia e também graças à incorporação à sua obra das reflexões de Gramsci sobre o conceito de hegemonia” (BARREIRO, 1995, p. 59). Na tradição marxista ortodoxa, os homens são determinados pelas relações materiais que existem entre si. Dessas relações materiais, a estrutura, emerge todo um conjunto de valores e crenças, a superestrutura, fruto imediato daquela,

portanto, fazendo parte dos instrumentos de dominação. Thompson refuta essa relação. Para ele:

Por mais sofisticada que seja a ideia, por mais sutil que tenha sido o seu emprego nas mais várias ocasiões, a analogia ‘base e superestrutura’ é radicalmente inadequada. Não tem conserto. Está dotada de uma inerente tendência ao reducionismo ou ao determinismo econômico vulgar classificando atividades e atributos humanos ao dispor alguns destes na superestrutura (lei, arte, religião, moralidade), outros na base (tecnologia, economia, as ciências aplicadas), e deixando outros ainda a flunar, desgrazadamente, no meio (lingüística, disciplina de trabalho). Nesse sentido, possui um pendor para aliar-se com o pensamento positivista e utilitarista, isto é, com posições centrais não do marxismo, mas da ideologia burguesa. (THOMPSON, 1977, *apud* NEGRO & SILVA, 2001, p. 256)

Os elementos de junção da base e da superestrutura, na teoria thompsoniana, o que equivale dizer, da superação da dicotomia proposta por Marx, são exatamente a experiência e a cultura. Moraes e Müller fizeram, em relação a isso, um alerta: “Se cultura e experiência são um ponto de junção e, apesar do que ajuízam adeptos da “pós-condição”, a cultura não tem, para Thompson, qualquer autonomia” (DE MORAES & MÜLLER, 2003, p. 341), isso porque, sempre, está ligada aos processos da experiência. Além disso, está sempre em tensão, não apenas contra outros modos de vida, mas no interior de si mesma. Essa condição é expressada por Thompson na introdução do livro “Costumes em Comum”:

Mas uma cultura é um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de instrumentos conflitivos, que somente sob uma pressão imperiosa – por exemplo, o nacionalismo, a consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominante – assume a forma de um “sistema”. E na verdade o próprio termo “cultura”, com sua invocação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro do conjunto. (THOMPSON, 1998, p. 17)

Como se percebe, a crítica de Thompson é direcionada àqueles que viam a cultura a partir do ponto de vista do simbólico, como “sistema de atitudes, valores e significados compartilhados” (THOMPSON, 1998, p. 17). Ao mesmo tempo, aos que buscavam, a partir de sua própria formulação de cultura como modos de vida, perenizar a dicotomia entre uma cultura erudita e uma cultura popular. A cultura de um grupo humano deve ser percebida a partir de seus “contextos históricos específicos” (THOMPSON, 1998, p. 17). Ao relacionar a cultura ao costume em suas pesquisas do século XVIII, no lugar de uma cultura erudita e uma cultura popular, apontava para a

oposição de uma cultura dominante, predominantemente dos governantes, e uma cultura plebeia. A análise de Thompson, ao se referir às tensões entre a cultura dominante e a cultura plebeia, emerge de seus escritos a partir de uma leitura de época, ou seja, a partir das experiências que as fontes permitem entrever, e não como um modelo ou estrutura metodológica pronta.

Raphael Samel também entendia a cultura como processo de tensão, num diálogo constante entre criação e luta (*apud* BARREIRO, 1995, p. 61). Raymond Willians, por sua vez, combatia a ideia da relação “natural” dos termos cultura e civilização, termos carregados de valores, à um só tempo descritivos e normativos, no entender de Maria Elisa Cevasco, e que tinham por finalidade atribuir à cultura o significado de “treinamento das faculdades mentais” (CEVASCO, 2003, p. 10), ou seja, o refinamento linguístico, a apreciação das artes, da música erudita e da alta literatura. Tal visão de cultura, desenvolvida entre os séculos XVIII e XX, ensejava uma lógica imperialista, na medida em que diferenciava os ‘com cultura’ ou civilizados, dos ‘sem cultura’, primitivos ou bárbaros. A dominação e a exploração justificavam-se, portanto, como fardo do homem branco europeu, ‘culto’, no esforço de elevar os demais ao mesmo patamar evolutivo.<sup>89</sup>

A proposta de Thompson é de um conceito de cultura que é baseada na experiência humana, levando em conta a dinâmica das relações sociais, os modos de vida, os valores e crenças e os costumes. Essa proposta tem muitos desafios, dos quais destacamos dois.

O primeiro desafio tem relação com sua própria percepção da necessidade de um diálogo com outros campos do conhecimento. Esse diálogo ficou evidente, a nosso ver, na principal obra de Thompson a analisar o papel da cultura, a já citada “Costumes em Comum”. É nesta obra que a dimensão cultural, os rituais, as visões de mundo das classes subalternas ganham destaque, compõem o enredo do universo social inglês do século XVIII. Refletindo sobre a relevância da cultura na obra de Thompson, Eleonora Félix da Silva também destacou a importância de “Costumes em Comum”, ressaltando,

---

<sup>89</sup> Sobre essa concepção tradicional de cultura como sinônimo de erudição ou refinamento, convém ver a obra: ELIAS, Norbert, 1994, op. cit., especialmente o capítulo “Conceitos de “civilização” e “cultura””, p. 23-64.

conforme já apontado por Barreiro, o diálogo estabelecido pelo autor inglês com a Antropologia.<sup>90</sup> De acordo com ela,

Em “A venda de esposas” e “A economia moral da multidão” Thompson se volta para explicar o “significado simbólico” dessas tradições populares, sob inspiração da Antropologia Cultural de Clifford Geertz. Para fazer um estudo sobre as tradições populares na Inglaterra no séc. XVIII e dar voz aos “de baixo”, o historiador inglês fez um diálogo com a antropologia, o que contribuiu para a ampliação das abordagens na história Social, esta também se preocupa com as percepções culturais populares, seus comportamentos e atitudes na vida cotidiana. (DA SILVA, 2008, p. 10)

Essa aproximação de Thompson com a Antropologia, contudo, deve ser percebida com cuidado. Para Gervácio Aranha, ela foi imprescindível, na formulação teórica do autor, na medida em que seu trabalho se propôs investigar as ações, o fazer histórico dos sujeitos sociais investigados. Por outro lado, longe de engessar a análise, a enriqueceu:

Thompson busca inspiração na antropologia para fins de incorporação de aspectos simbólicos inscritos nas ações dos atores sociais que analisa (...) para decifrar o significado simbólico inscrito na ação dos homens, mas o faz em relação a essa ação situada em determinado tempo e lugar. Com isto, ele evita empobrecer seu trabalho com as generalizações próprias da Antropologia estrutural simbólica ou de uma Antropologia que passa ao largo da transformação histórica. (ARANHA, *apud* DANTAS & BURITI, 2008, p. 36)

O segundo desafio refere-se ao fato de que, ao se propor a estudar os modos de vida das classes populares, o historiador se depara com a dificuldade de encontrar fontes e documentos adequados. Refletindo sobre as pesquisas dos movimentos populares ao tempo da Revolução Francesa, Hobsbawm se refere a esse desafio, quando afirma que, normalmente, “(...) não existe material algum, até que nossas perguntas o tenham revelado” (HOBSBAWM, 1998, p. 220). Ainda de acordo com ele,

Em muitos casos, o historiador dos movimentos populares descobre apenas o que está procurando, não o que já está esperando por ele. Muitas fontes para a história dos movimentos populares apenas foram reconhecidas como tais porque alguém fez uma pergunta e depois sondou desesperadamente em busca de alguma maneira – qualquer maneira – de respondê-la. (HOBSBAWM, 1998, p. 220)

---

<sup>90</sup> É importante salientar que a aproximação com a Antropologia não foi exclusiva de Thompson, mas da maioria de seus companheiros, como Raymond Willians, como aponta Cevasco (2003, p. 110).



Em relação às fontes e documentos, essa dificuldade está sempre presente na obra de Thompson. Seu próprio estilo, de ir narrando a construção da metodologia, demonstra sua preocupação em se utilizar de fontes nem sempre valorizadas em sua época, como poemas, cartas, atas de reuniões de sociedades laicas e religiosas, transcrições de músicas, cantigas e contos presentes no imaginário popular e transmitidos oralmente de geração a geração, documentos demográficos, descritos por Hobsbawm como “(...) aquilo que o poeta chamava de anais simples dos pobres – os meros registros de nascimento, casamento e morte, ou a eles associados – [e que] podem render quantidades surpreendentes de informação” (HOBSBAWM, 1998, p. 224).

Robert Darnton, historiador do Iluminismo, ao buscar desmistificar o que ele entendia ser o senso comum da “(...) alta literatura e filosofia do período”, que contribua para formar uma concepção errônea [em sua opinião] do Iluminismo como período de expansão generalizada do conhecimento, deixou de lado os tratados filosóficos e a literatura canônica normalmente utilizada como fonte de investigação, investindo na análise de fontes alternativas, os “detritos”, como ele nomeava, ou seja, as cartas, arquivos particulares, poemas, jornais populares, manifestos apócrifos e até listas de compras de livreiros modestos (DARNTON, 1989, p. 14). Ao buscar essas fontes alternativas, Darnton procurou produzir também uma história alternativa, uma narrativa que levasse em conta as pessoas comuns, os intelectuais de baixa projeção, que não tinham acesso ao “*le gran monde*” (DARNTON, 1989, p. 27), ou seja, a Igreja, a monarquia, a nobreza, as editoras oficiais, os salões literários. Sua pesquisa demonstrou a existência de uma hierarquia social no mundo intelectual iluminista. Enquanto os grandes intelectuais, afamados e com o futuro garantido por pensões e privilégios, se desdobravam em “entreter” a sociedade, os subliteratos, como Darnton nomeou seus sujeitos sociais pesquisados, produziam textos apócrifos, libelos (*libelle*) humorísticos e mordazes, expondo as vísceras da sociedade ou simplesmente caluniando-a, fornecendo material que serviria de base teórica para a revolução.

O lugar social da produção de Robert Darnton não é o mesmo de Thompson, seus objetivos e problemas são outros, mas seu trabalho intelectual demonstra, em essência, duas preocupações parecidas, ou seja, a busca de uma outra visão da história, com a consequente necessidade – e dificuldade inerente a isso – de produzir todo um outro conjunto de fontes e documentos para isso.

A preocupação de Thompson, sempre presente em seu trabalho, era de evidenciar as práticas sociais e a estrutura de pensamento e sentimentos do homem comum, as resistências frente ao novo ou ameaçador, em suma, seus costumes, sua cultura. Sua aproximação em relação aos sujeitos sociais pesquisados, sobretudo se dava com profundo respeito. Principalmente sem a ideia de estar construindo a narrativa dos derrotados. Para ele, as causas que defendiam, mesmo aparentemente superadas, não podem ser dadas como perdidas ou vencidas, legitimadas ou não pelo curso dos acontecimentos, como podemos perceber na sua afirmação:

Não deveríamos ter como único critério de julgamento o fato de as ações de um homem se justificarem, ou não, à luz da evolução posterior. Afinal de contas, nós mesmos não estamos no final da evolução social. Podemos descobrir, em algumas das causas perdidas do povo da Revolução Industrial, percepções de males sociais que ainda estão por curar. (THOMPSON, 1987, p. 13.)

### *Considerações Finais*

Ricardo Gaspar Müller fez uma importante reflexão na conclusão de sua tese de doutorado a respeito da relação entre a atividade profissional de Thompson e seu engajamento em causas políticas e sociais em que acreditava:

Se aceitarmos que possa haver um elo entre filosofia, história e engajamento político, podemos então definir a contribuição de E. P. Thompson como única. Sua interpretação do materialismo histórico se distingue por articular, de forma construtiva e instigante, aspirações políticas e processo histórico. (MÜLLER, 2002, p. 246)

Esse engajamento pressupõe um historiador preocupado com a realidade social, com posicionamento político que é coerente com sua atividade profissional enquanto prática social. Essa particularidade da vida e obra de E. P. Thompson vai ao encontro da reflexão de Josep Fontana, para quem todo trabalho intelectual deveria levar em conta o projeto social de seu autor. O próprio Fontana (2004), ao finalizar a obra em que buscou fazer o balanço da trajetória da historiografia, revelou-se em busca de um projeto social que ultrapassasse as explicações simplistas e que rompesse com a visão linear que entende a história como uma sucessão de continuidades que leva fatalmente ao progresso do ponto de vista burguês. Para o historiador catalão, ao historiador cabe “(...)

recuperar os fundamentos teóricos e metodológicos sólidos que possibilitem ao nosso trabalho nos colocar em contato com os problemas reais dos homens e mulheres de nosso mundo” (FONTANA, 2004, p. 18).

Desse ponto de vista, os procedimentos metodológicos da construção da narrativa histórica não são um fim em si mesmo, mas a forma como o historiador se aproxima dos problemas que percebe, tendo em vista que

Teoria e método não são os objetivos de nosso ofício, mas tão somente as ferramentas que empregamos com o objetivo de melhor compreender o mundo em que vivemos e de ajudar outros a entendê-lo, a fim de que, com todos, façamos algo para melhorá-lo, o que sempre é possível. (FONTANA, 2004, p. 472)

Vinte anos após a morte de E. P. Thompson, as reflexões a respeito de suas contribuições no campo da historiografia devem levar em conta suas próprias experiências enquanto militante político, que influenciaram sobremaneira suas práticas sociais no campo profissional. Afinal de contas, como afirmou certa vez, “Toda experiência histórica é obviamente, em certo sentido, única”, (THOMPSON, 1978, *apud* NEGRO & SILVA, 2001, p. 79.) mas que, no terreno comum das experiências compartilhadas, onde os sujeitos constituem-se como tais e desenvolvem suas práticas sociais, pode servir como base para a construção dos projetos sociais dos historiadores de hoje.

### *Referências bibliográficas*

ALMEIDA, Antônio de. Os Trabalhadores e seus Espaços: cultura, experiência e cotidiano nos estudos históricos sobre identidade coletiva. In: *Política, Cultura e Movimentos Sociais: contemporaneidades historiográficas*. Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, 2001.

ARANHA, Gervácio Batista. A Nova História Cultural e a Antropologia: perspectivas e convergências. In: DANTAS, Eugênia; Buriti, Iranilson. (Org.). *Metodologia do Ensino e da Pesquisa: caminhos da investigação*. João Pessoa, PB: Idéia/EDUEFG, 2008.

BARREIRO, José Carlos. E. P. Thompson e a Historiografia Brasileira: revisões, críticas e projeções. *Projeto História*. São Paulo, (12), out. 1995, 57-75.

CEVASCO, Maria Elisa. *Para Ler Raymond Williams*. Editora Paz e Terra, 2001.

\_\_\_\_\_. *Dez lições de estudos culturais*. São Paulo: Boitempo, 2003.

DA SILVA, Eleonora Félix. *E.P. Thompson e as contribuições para a história social e os estudos sobre escravidão*, 2008, p. 02. Disponível em: [http://www.janduarte.com.br/textos/e\\_p\\_thompson.pdf](http://www.janduarte.com.br/textos/e_p_thompson.pdf). Acessado em 06/11/2011.

DARNTON, Robert. O Alto Iluminismo e os subliteratos. In: *Boemia literária e revolução: o submundo das letras no Antigo Regime*. São Paulo: Schwarcz Ltda, 1989.

DE MORAES, Maria Célia Marcondes & MÜLLER, Ricardo Gaspar. História e experiência: contribuições de E. P. Thompson à pesquisa em educação. *PERSPECTIVA*, Florianópolis, v. 21, n. 02, p. 329-349, jul./dez. 2003.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*, v. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FONTANA, Josep. *A História dos Homens*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

GRAMSCI, Antonio. *Obras Escolhidas*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

HOBBSAWM, Eric. A História de baixo para cima. In: *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LIGUORI, Guido. *Roteiros para Gramsci*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

MARX, K.; ENGELS, L. *Manifesto do Partido Comunista 1848*, 6ª ed. São Paulo; Global, 1986.

MÜLLER, Ricardo Gaspar. *Razão e utopia: Thompson e a história*. Tese de Doutorado em História Social. Curso de História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

\_\_\_\_\_. Pesquisa Social e Lógica Histórica: a atualidade de E. P. Thompson. *VI Congresso Português de Sociologia*, 25 a 28 de junho de 2008, Universidade de Nova Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Disponível em: <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/623.pdf>. Acesso em: 27/03/2013.

NEGRO, Antônio Luigi e SILVA, Sérgio (orgs.). *As Peculiaridades dos Ingleses e outros artigos*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2001.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria – ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1981.

\_\_\_\_. *A Formação da Classe Operária Inglesa*, v. 1 (A árvore da liberdade), 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_. *Costume em Comum* – estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.